

Apresentação: Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de COVID-19 (Parte I)

Presentation: Reflections and perspectives on the COVID-19 pandemic (Part I)

Presentación: Reflexiones y perspectivas entorno a la pandemia del COVID-19 (parte 1)

Luisa Elvira Belaunde
Gilton Mendes dos Santos
Edgar Bolívar-Urueta

Como citar: Belaunde, L.E., Mendes dos Santos, G., y Bolívar-Urueta, E. (2020). Apresentação: Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de COVID-19 (Parte I). *Mundo Amazônico*, 11(2): 10-16. <https://doi.org/10.15446/ma.v11n2.91048>

Dada a gravidade da evolução da pandemia COVID-19 na Amazônia, o Conselho Editorial da Revista Mundo Amazônico decidiu lançar uma chamada especial para reunir artigos que permitissem melhor compreender a crise atual vivida nos variados contextos amazônicos. Foram recebidas muitas contribuições e, depois de um cuidadoso processo de avaliação por pares, é um prazer oferecer nesta edição a primeira parte do Dossiê Especial *Reflexões e perspectivas sobre a pandemia COVID-19*. A segunda parte será publicada no próximo número V12(1), em 2021. Este número contém 15 artigos que, a partir de diferentes abordagens disciplinares e perspectivas locais, expõem uma vasta gama de facetas da pandemia. Essa diversidade permite relacionar e contrastar experiências ao longo da bacia amazônica que conecta comunidades indígenas e ribeirinhas dispersas, assim como várias populações das cidades amazônicas às políticas e agentes dos governos centrais nas distantes capitais de Brasil, Peru, Equador, Venezuela e Colômbia.

Luisa Elvira Belaunde Profesora Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú. luisaelvira@yahoo.com

Gilton Mendes dos Santos Profesor PPGAS – Universidade Federal do Amazonas, Brasil. gilton.mendes.santos@gmail.com

Edgar Bolívar-Urueta Profesor Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia. eebolivaru@unal.edu.co

A pandemia da Covid-19 desnudou as limitações dos diferentes Estados da Amazônia. A incapacidade de concatenar ações, a lentidão em face do que exigia agilidade, o curto alcance do que exigia grande abrangência e a ignorância frente a outras concepções e estilos de vida são evidentes. Muitas pessoas demoraram a ver essa realidade enquanto sofriam suas consequências e eram vitimizadas dela. Ao mesmo tempo, numerosos coletivos, grupos, comunidades e povos reagiram a esta situação com um duplo movimento. Por um lado, buscando e exigindo por caminhos diferentes o que o Estado deveria oferecer; de outro, cultivando um corpus de conceitos e práticas há tempos adormecido ou negado pelos Estados.

Para enfrentar a ameaça da COVID-19, muitos grupos indígenas têm recuperado estratégias, comportamentos e atitudes usadas no passado para enfrentar epidemias e outras formas de ameaça à vida. Práticas xamânicas individuais e coletivas para proteção e cura, bem como plantas medicinais. Também reduziram o fluxo entre cidades e aldeias e, quando possível, optaram pelo afastamento e isolamento social entre grupos familiares ou domésticos.

Além da atualização das práticas de proteção e de cura, tem havido uma rica elaboração, formulação e análise sobre a origem da doença e suas consequências, articulada de várias maneiras ao cenário de desequilíbrio da relação entre humanos e não-humanos e à ação das frentes de colonização e desenvolvimento. Nesse contexto, saberes e práticas locais puderam ser (e permanecem sendo) revisitados, reconhecidos, explicados e reavaliados pelos próprios grupos.

Neste dossiê especial da *Mundo Amazônico* se demonstra como entre os povos indígenas e em vários contextos sociais urbanos e não urbanos da Amazônia, a pandemia da COVID-19 não afetou apenas o equilíbrio biológico pessoas, mas também a sua vida cotidiana, as suas relações sociais, emocionais, espirituais e econômicas.

Conteúdo do dossiê

O texto de Luiz Humberto da Silva e colaboradores, intitulado *PNAE em tempos de pandemia: desafios e potencialidades para sua operacionalização no contexto amazônico*, apresenta uma análise detalhada das políticas públicas para aquisição e distribuição de alimentos no contexto escolar do Brasil, situando a importância do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Com base em dados oficiais e análises coletivas, o artigo oferece uma leitura perspicaz das mudanças e adaptações do PNAE em alguns municípios do estado do Pará e aponta para a importância do programa como instrumento de garantia da segurança alimentar durante a pandemia.

O artigo *A infecção dos rios Amazonas e Tapajós: olhares no confinamento de estudantes de antropologia em Santarém (Brasil)*, liderado por Miguel

Aparicio, traz uma voz coletiva que envolve estudantes residentes nas cidades e bairros da foz do rio Tapajós no Amazonas. O artigo descreve dramática e criativamente casos, vivências e reflexões pessoais vivenciadas durante a pandemia do novo Coronavírus, todos imersos em um cenário de grandes impactos socioambientais que marca esta região amazônica.

O artigo de Santos e Costa, *Gênero e Covid-19 no contexto da população de refugiados e migrantes na cidade de Manaus-Amazonas* faz um vívido retrato da tragédia humanitária experimentada por migrantes, populações indígenas e LGBT na cidade de Manaus, incluindo a chegada em massa de pessoas da Venezuela; muitas das quais chegaram ao Brasil em busca do atendimento médico que não existia em seu país de origem. O texto mostra o aumento da desigualdade nos tempos da COVID-19, evidenciando como a violência discriminatória é reproduzida pelas políticas públicas do atual governo, que determina a expulsão das pessoas das ruas ou o confinamento em locais superlotados, levando sua vulnerabilidade ao extremo. As formas de opressão que já existiam vêm à tona em casos extremos de emergência sanitária.

O texto *Impactos da Covid-19 nas cadeias produtivas e no cotidiano de comunidades tradicionais da Amazônia Central*, de autoria coletiva de Silva *et al.*, mostra o resultado de um estudo quantitativo e qualitativo, realizado por profissionais de formação diversa e larga experiência na região. O estudo aborda as formas de impacto sofridas pelas nove comunidades ribeirinhas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) na região do médio Rio Solimões (Amazonas) no que diz respeito à interferência em suas dinâmicas de deslocamento para as cidades, suas formas de isolamento e também as formas encontradas para enfrentar as limitações, receios e medos do contágio pela doença. O estudo também capta uma perspectiva pós-pandêmica em elaboração, levantada pelas famílias envolvidas na pesquisa, no que são centrais a auto-organização, a flexibilidade e a constituição de grandes redes de colaboração.

No artigo *¿Y la salud intercultural? Lecciones de la pandemia que no debemos olvidar*, Pesantes e Gianella destacam o abismo entre as boas intenções sobre a saúde intercultural nos discursos e documentos oficiais produzidos pelo Estado peruano nos últimos dez anos, e a total impossibilidade (e mesmo negação) de colocá-los em prática durante a pandemia. Por um lado, o texto percorre os avanços burocráticos sobre a questão e os contrapõe à atual falta de vontade política da parte do Ministério da Saúde e das coordenações regionais de saúde para tornar efetiva a nova legislação e políticas pública para lidar com a pandemia na Amazônia. Por outro lado, apresenta as iniciativas indígenas amazônicas, especialmente, de habitantes Shipibo-Konibo das áreas periurbanas de Pucallpa (Ucayali, Peru), para gerar uma interculturalidade de raiz, decorrente do conhecimento de plantas medicinais e práticas de cuidado do parentesco.

No artigo de Rapozo e Canalez, *Espalhamento da Covid-19 no interior do Amazonas: panorama e reflexões desde o Alto Solimões, Brasil*, os autores coletam e analisam um amplo conjunto de dados sobre o processo de dispersão do COVID-19 no Região do Alto Solimões, cujos municípios fazem fronteira com a Colômbia e o Peru. Contrastando informações do sistema de vigilância em saúde com uma análise da complexidade geográfica, socioeconômica e política, revelam a alta vulnerabilidade e risco para a população desta região transfronteiriça, especialmente para populações indígenas. Esse risco tem sido aumentado pela ineficácia das políticas de saúde, chegando ao ponto em que agentes do sistema de saúde e principalmente dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) se tornaram, em muitas ocasiões, vetores de expansão da transmissão entre as populações indígenas.

Como comunicar sobre a pandemia com povos isolados? Juliana Silva em *A Covid-19 na Terra Indígena Vale do Javari: entraves e equívocos na comunicação com os Korubo* enfrenta a tarefa de pensar as dificuldades comunicacionais entre médicos e os povos de recém contato e seus possíveis impactos sobre os povos em isolamento voluntário naquela região fronteira do Brasil. A autora apresenta a complexa situação política atual e desmonta os pressupostos sobre as limitações cognitivas e os medos relacionais subjacentes às estratégias de saúde das entidades oficiais. Também examina as práticas de transmissão do conhecimento indígena e aponta inconsistências nas formas de aprender e saber postas em prática pelos profissionais de saúde.

O artigo de WeisKopf *Quarantine chronicle from Choachí: How to make salt from grass (while making smokeless tobacco)* é uma busca do autor para reunir o que aprendeu das práticas e teorias indígenas. Sabendo que em Bogotá o mercado de plantas e substâncias rituais da Amazônia colapsou por causa dos decretos de emergência e confinamento social, em uma pequena cidade da Sabana de Bogotá o autor relata sua tentativa de preparar sal vegetal com as plantas que teve à mão durante a quarentena. Este artigo é uma crônica sobre criatividade e persistência, que ressoa na experimentação e busca generalizada em florestas e cidades, de maneiras de proteger-se e, ao mesmo tempo, aprender sobre os perigos e os medicamentos que vêm de mundos distantes.

“Precisamos estar vivos para continuar na luta”: uma pandemia e a luta das mulheres Munduruku é um relato intenso de Alessandra Munduruku e Kena Chaves sobre as certezas e dilemas apresentados aos Munduruku no processo de recolhimento e resguardo nas Terras Indígenas, lidando com novas e estranhas práticas de distanciamento, e reativando a memória de lutas contra epidemias passadas. É também uma forte denúncia das ameaças presentes e futuras, especialmente os empreendimentos mineiro-energéticos no Tapajós e invasões de terra, às quais as organizações Munduruku têm resistido tenazmente: “Temos que nos defender das empresas, nos defender

do governo, nos defender dos invasores. Vamos lutar, embora a doença continue avançando (...) lutar juntos, os ribeirinhos, indígenas, quilombolas, somente nós defenderemos nosso território e nossas vidas”. O artigo apresenta também um experimento de “justiça epistêmica” ao construir a autoria a partir de uma aliança entre uma líder indígena munduruku estudante de direito, e uma geógrafa de São Paulo que investiga em seu doutorado as intensas pressões que debatem região do Tapajós e as resistências de homens e mulheres Munduruku.

O estudo de Iris Araújo, *Os Karitiana e a Covid-19* analisa com minúcia etnográfica a confluência entre a “festa dos remédios” do povo Karitiana (Rondônia, Brasil) e a busca por meios terapêuticos contra a COVID-19 para não depender da medicina não indígena e, portanto, não se deslocar para as cidades. A autora examina a mudança de atitude coletiva karitiana desde as primeiras notícias da pandemia – quando adotaram métodos preventivos que combinavam seus próprios procedimentos rituais com as recomendações sanitárias oficiais –, até o choque das primeiras mortes de mulheres Karitianas internadas em hospitais das cidades. A perda de familiares atendidos pelo sistema hospitalar urbano deslegitimou o uso de terapias não indígenas. A partir daquele momento, os próprios rituais e saberes fitoterápicos foram considerados os únicos meios de cuidar e restaurar a saúde do corpo dos familiares reunidos na comunidade.

O texto *Covid-19 na Terra Indígena Yanomami: um paralelo entre as regiões do Alto Rio Marauíá, Alto Rio Negro e Vale dos Rios Ajarani e Apiaí*, de Gonçalves, Souza e Lutaif, oferece um panorama das diferentes realidades socioespaciais vividas pelas comunidades Yanomami em seu vasto território. Apresenta as diferentes estratégias de enfrentamento da epidemia do Novo Coronavírus, que convergem em entendimentos culturais do surto de doenças originadas no mundo exterior, identificadas como *xawara*. Tais estratégias combinam o isolamento de pequenos grupos em acampamentos na floresta e práticas rituais que envolvem cantos, danças e inalação de substâncias vegetais para estabelecer comunicação direta com os espíritos *hekura*, parceiros vitais nos processos de enfrentamento de inimigos visíveis e invisíveis.

O artigo *Lutas políticas por populações indígenas em Roraima (Brasil) e o enfrentamento à pandemia Covid-19*, escrito por Guimarães e Ferreira Júnior, mostra uma extensa rede de informações sobre grupos e pessoas indígenas do Estado de Roraima, Brasil, impactados e afetados pela COVID-19, destacando o papel das redes sociais como espaço de luta política, de denúncias e reivindicações, no centro da pandemia entre grupos indígenas da região.

A incidência do Coronavírus na textura íntima do dia a dia em uma comunidade Kichwa no Equador é examinada no relato etnográfico *Chicha-Coronavirus: 1-0. Communitarian management of Floods and Pandemics in the Ecuadorian Amazon*. Leonidas Oikonomakis reflete sobre sua experiência

na comunidade Kichwa no início da pandemia, quando a notícia do vírus vindo das cidades passou a questionar a prática diária, familiar e ancestral de compartilhar a chicha de mandioca, fermentada com a saliva das mulheres e consumida por todos usando o mesmo recipiente. O texto desenvolve uma microanálise das dinâmicas sociais indígenas que ativaram seus próprios conhecimentos e fortaleceram laços de confiança e cuidado mútuo em tempos de crise, gerando um espaço comunitário para enfrentar as ameaças vindas de fora.

Incluímos também dois artigos de pesquisa que não fazem parte diretamente da temática definida sobre a Covid-19, mas de certa forma nos envolvem nas histórias de cronistas, viajantes, missionários e acadêmicos que buscavam compreender as populações indígenas amazônicas na época em que se afastavam, transformavam e diminuía em população enquanto avançavam as várias epidemias da frente colonizadora.

Em *Omaguas, primer contacto Una cultura amazónica elusiva y el misterio de la Aparia menor*, Ferrán Cabrero, por meio de uma revisão das primeiras crônicas (Século XVI a meados do século XVII) e de pesquisas recentes, faz uma abordagem crítica aos relatos da chamada cultura Omágua na Amazônia, caracterizada por sua grande população e aspectos sociais de cacicado. O artigo apresenta elementos importantes para entender a territorialidade Omágua, bem como avanços na compreensão do padrão de povoamento e distribuição populacional. Assim, o artigo suscita novas perguntas e possibilidades para outras pesquisas que podem inovar em interpretações da história Omágua e de outros grupos Tupi de Amazônia.

Por fim, em *Filho de Deus, Filho de Tamakori. O padre Tastevin entre os Kanamari do médio Juruá* Edwin Reesink faz uma compilação detalhada e análise dos escritos do padre Tastevin, alguns publicados, outros inéditos, sobre sua atuação com os Kanamari do rio Juruá. A partir desses manuscritos, examina a influência do padre entre os Kanamari, especialmente, na identificação deste como um “agente cosmo-xamânico” muito além de sua afirmação como religioso católico. O artigo fornece ainda informações muito importantes sobre o território e a vida Kanamari que suscitam várias perguntas sobre a variabilidade e as relações entre grupos Katukina, Pano e Arawá entre o Juruá e bacias vizinhas.

Reunindo práticas de proteção à vida

Vale ressaltar que o rico conjunto de artigos publicados agora enfatiza um processo dinâmico de enfrentar uma situação crítica e calamitosa através de múltiplas estratégias. É contundente a denúncia de falta de ação de proteção e cuidado eficaz dos sistemas nacionais de saúde em um contexto geográfico e cultural desafiante e vulnerável. Contudo, esse fracasso estatal não é

novo. Numerosos exemplos nos artigos citados relacionam a ineficiência no controle do vírus à série de ataques deliberados às sociedades amazônicas onde historicamente os “estrangeiros” se tornaram vetores de disseminação de epidemia e sofrimento. Nesse sentido, é importante abordar a situação de crise atual a partir de uma análise da continuidade e transformação das práticas e teorias nativas em resposta aos grandes eventos de vulnerabilização dos grupos sociais e do território.

As perspectivas locais neste número nos aproximam de outras experiências, para que possamos compreender a dimensão do que acontece e agir frente aos desafios futuros de forma diferente, mais além de acompanhar a evolução das estatísticas de infectados e a disponibilidade de UTIs através da mídia. Neste dossiê são traçadas propostas muito determinadas no sentido de mudar os termos do problema e vislumbrar novos caminhos; redirecionar esforços para a segurança alimentar, realizar abordagens interculturais respeitosas, denunciar a invisibilização e entender a vulnerabilidade de migrantes, indígenas e LGBT, assim como suas formas de proteção nas cidades amazônicas. Da mesma forma, mudar as estratégias de circulação entre comunidades dispersas e núcleos populosos, na medida em que as redes de colaboração possibilitam várias ações de proteção, de aprendizagem de diferentes tecnologias e receitas, associadas à sua própria ritualística e eficácia no cotidiano. Devemos prestar atenção à experimentação e criatividade com que, desde a diversidade amazônica, se concebe e se faz efetiva a defesa dos corpos, dos territórios e da vida. Ainda que no futuro exista uma vacina segura e acessível fabricada por alguma grande empresa que faça desaparecer a ameaça colocada hoje pelo vírus, as mudanças de perspectiva e de pensamento sobre a proteção da vida, aqui, permanecerão.